

## O MOVIMENTO DAS ONDAS COMO FIGURA TEMPORAL DA ORIGEM<sup>1</sup>

*THE MOVEMENT OF WAVES AS A TEMPORAL FIGURE OF ORIGIN*

 Marina Harter Pamplona<sup>A</sup>

<sup>A</sup> Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

**Correspondência:** Marina Harter Pamplona (hartermarina@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo busca estabelecer uma conexão entre o fluxo narrativo das vozes das crianças que aparecem na primeira parte do livro *As ondas*, de Virgínia Woolf, e as elaborações conceituais em torno do tempo e da história de Walter Benjamin, privilegiando o conceito de Origem [*Ursprung*]. Ao percorrer os escritos do filósofo berlinense, entrevemos a montagem de uma ciência do tempo oportuno, e é por uma coleção de imagens oferecida pela infância e pela literatura que podemos investigar as espessuras de um tempo intensivo. A partir dessas conexões, articulamos uma concepção política de infância, capaz de desmontar o mito da eficiência do tempo linear e cronológico e operar novas montagens para o pensamento e a linguagem, afinal, é pela linguagem que essas revelações podem ser operadas. Através da convergência entre literatura e infância, flagramos as imagens narrativas do tempo originário, no ritmo das ondas, como essa dialética entre presença e ausência.

**Palavras-chave:** Infância; Literatura; História; Tempo; Linguagem.

### Abstract

This article seeks to establish a timely connection between the narrative flow of children's voices that appear in the first part of the book *The Waves*, by Virgínia Woolf, and the conceptual elaborations around time and history by Walter Benjamin, privileging the concept of Origin [*Ursprung*]. When going through the writings of the Berlin philosopher, we glimpse the assembly of a science of opportune time, and it is through a collection of images offered by childhood and literature that we can investigate the depths of an intensive time. From these connections, we articulate a political conception of childhood, capable of dismantling the myth of the efficiency of linear and chronological time and operating new assemblies for thought and language, after all, is through language that these revelations can be operated. Through the convergence between literature and childhood, we capture the

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado a partir da minha dissertação de mestrado intitulada “Luminosidades da infância: A memória como jogo”, sob orientação do professor Marcelo Santana, do programa de Pós Graduação em Psicologia da UFF Niterói, e com apoio financeiro da Capes através da concessão de bolsa durante o período de mestrado, e parte da elaboração desse texto foi realizada no contexto da disciplina “Línguas do começo, espaços de jogos: Experimentos artísticos a partir da infância”, ministrada pela professora Rosana Kohl Bines, no Departamento de Letras da PUC Rio, no primeiro semestre de 2018.



---

narrative images of the original time, in the rhythm of the Waves, as this dialectic between presence and absence.

**Keywords:** Infancy; Literature; History; Time; Language.

## Introdução

*Fagulhas de infância persistem*

*Virginia Woolf*

Entre as vozes infantis que ecoam no livro “*As Ondas*”, de Virginia Woolf, e que realizam seus intermináveis inventários da materialidade que as cercam, há uma delas que enuncia a imagem de uma sala de aula. Nesta voz, a de Rhoda, o tempo de uma lição de matemática acumula-se:

O relógio tiquetaqueia. Os ponteiros são comboios marchando por um deserto. As listras negras na cara do relógio são oásis verdes. O ponteiro comprido marchou para encontrar água. O outro cambaleia entre pedras ardentes no deserto. A porta da cozinha bate. Cães selvagens latem ao longe. Vejam, a curva do algarismo começa a encher-se de tempo e contém em si o mundo. Começo a desenhar um algarismo e o mundo está contido em sua curvatura – assim – e a cerro e torno-a inteiriça. O mundo está ali inteiro e eu fora dele chorando: “Ah, não me deixem ficar para sempre fora da curva do tempo!” (Woolf, 2004, p. 16).

Partindo desse apelo, o tempo ali se acumula, na experiência de criança diante da lousa escolar, o tempo ali percorre a sala, os objetos, o imaginário, o mundo. No entanto, a criança diz que está fora do tempo. O pedido de Rhoda puxa o fio de um novelo que começa a tecer tantas outras perguntas.

Qual seria este tempo que a apreensão instrumental dos conteúdos escolares é capaz de instaurar? E ainda, uma vez dentro da curva desse tempo, para onde ele nos leva? O que as crianças, que trazem notícias de um fora do tempo, ou de uma potência intensiva do tempo, têm a nos *mostrar* sobre isso?

Percorrendo os escritos do filósofo Walter Benjamin, é possível vislumbrar um caminho através do qual origina-se esta reflexão. Em sua obra, entrevemos certa montagem de uma ciência do tempo oportuno. O tempo, dessa forma, dirige-se para um sentido político, e não necessariamente histórico, se pensarmos a história em seus moldes hegemônicos, como historicismo linear. Nossa tomada de posição em relação à história pode ser operada pela atenção oportuna que estabelecemos com relação a ela, elaborando pequenas estratégias que efetuem transformações no curso homogêneo dos fatos: interromper o relógio do progresso,

recomeçar, portanto, a história como potência, assim como as crianças nos pedem para que uma história seja contada mais uma vez, e outra, e mais outra.

Esse trabalho em relação ao tempo e à história, nos dirige à possibilidade de flagrar uma potência dos começos na escrita, em uma certa força originária dos gestos. Esta ação pode se dar a partir de novas conexões entre adultos e crianças, tal qual a conexão que a autora de *As Ondas* pôde estabelecer com as vozes do livro, enunciando-as. Sua narrativa é composta pelos enunciados das crianças que dizem, descrevem, aquilo que olham, tocam, sentem e ouvem no instante dos acontecimentos que as acometem. O ritmo das imagens que se montam e se desmancham, para dar lugar a outras, diante do leitor, é avivado pela presença do mar, do ritmo das ondas, compondo o entorno ou uma paisagem ativa de reviravoltas temporais.

Da experimentação dessa potência dos começos, – guiados pelas crianças de Virginia Woolf - estabelecemos montagens e conexões oportunas com o conceito de Origem [*Ursprung*], elaborado por Walter Benjamin e comentado por Jeanne Marie Gagnebin. A partir destas conexões, somos convocados a investigar o que alcançamos, politicamente, por intermédio desses vínculos que podemos estabelecer com as infâncias que nos habitam como memória coextensiva, mas também as infâncias do presente, as crianças que nos olham de volta, e que, nesse olhar que interpela os projetos que erigimos enquanto adultos, parecem reter a imagem das ruínas da modernidade, de sua força destrutiva diante do progresso. A partir dessas montagens articulamos uma concepção política de infância que nos coloque diante do lugar possível da revolução: quando os ponteiros do relógio saem em busca de água ou cambaleiam pelo deserto, desmontando sua eficiência.

### **O conceito de Origem**

Ao desdobrar a apreensão do tempo histórico operada por Walter Benjamin, Gagnebin (2013) nos lembra que tal apreensão se traduz mais pela valorização de um tempo intensivo do que pela pretensão de encerrá-lo nas limitações de uma cronologia linear. É a partir da investigação de um certo “movimento constitutivo da origem” que encontramos uma via para a exploração das espessuras desse tempo intensivo.

“A história é o salto do tigre em direção ao passado”, escreve Benjamin (p. 249, 2012), em seu texto *Sobre o conceito de história*. Nesses escritos, o autor buscou explicitar uma concepção materialista de história que tem como tarefa interromper o *continuum* da história, e

instaurar, nos discursos aparentemente lineares, cronológicos e homogêneos a respeito do curso dos fatos, as cesuras, brechas e falhas do tempo. O historiador, dessa perspectiva materialista, está profundamente implicado com as urgências políticas do presente, ao atentar-se à forma como o passado segue irrompendo e relampejando na superfície do agora. Sua ação política incide, dessa forma – a partir de uma fidelidade política ao presente –, em uma abertura do tempo, mas também nas fissuras da linguagem, pois é o discurso histórico e totalizante (e imobilizante) que se pretende, também, interromper e dissolver na inevitabilidade do movimento das ondas.

O historicismo contenta-se em estabelecer um nexos causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a constelação em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como “um tempo de agora” no qual se infiltraram estilhaços do messiânico. (Benjamin, 2012, p. 252).

Em seus escritos, Benjamin convoca essa força messiânica e insurgente que pode subverter o curso dos fatos a qualquer momento, dando a ver a plenitude de um tempo onde “cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias” (Benjamin, 2012, p. 252). A apreensão do messiânico na filosofia de Walter Benjamin está para além de suas terminações teológicas, mas aparece como possibilidade de nomear um outro tempo; “o que vem do passado e entra como se fosse de um futuro, ou pelo menos de tal modo que a própria sequência temporal se confunde” (Butler, p. 109, 2017).

Esse tempo, que opera em nós outra *atenção* às dinâmicas – e principalmente à materialidade – do mundo, alimenta a energia do conceito de Origem – *Ursprung* – “[...] como salto (*sprung*) para fora da sucessão cronológica e niveladora à qual uma certa explicação histórica nos acostumou” (Gagnebin, 2013, p. 10). E para afirmar uma nova relação que se estabelece entre tempo e história, Gagnebin avança:

História e temporalidade não são, portanto, negadas, mas se encontram, por assim dizer, concentradas no objeto: relação intensiva do objeto com o tempo, do tempo no objeto, e não extensiva do objeto *no tempo*, colocando como por acidente num desenrolar histórico heterogêneo à sua constituição (Gagnebin, 2013, p. 11).

Em *A Origem do drama trágico alemão*, Benjamin, aprofunda o campo da construção de seus pressupostos filosóficos e metodológicos (Pinheiro, 2004), realizando uma crítica do conhecimento e expondo por qual tonalidade seguiu seu pensamento nas luzes da corrente iluminista. O que Benjamin entende por *verdade*, nesse aspecto, não se introduz em uma relação intencional entre sujeito e objeto, mas “é dada como um presente a ser contemplado”. O filósofo constrói, assim, uma definição de método como desvio, que deve renunciar ao percurso contínuo da intenção; “O pensamento volta continuamente ao princípio, regressa com minúcia à própria coisa. Este infatigável movimento de respiração é o modo de ser específico da contemplação” (Benjamin, 2011, p. 16). Aqui, estamos mais uma vez diante de uma certa valorização rítmica que se coaduna com o movimento das ondas, e para Benjamin (2011, p. 24), na revelação da verdade - de sua luminosidade - o “fogo da busca [intencional] se apaga como se estivesse debaixo da água”. Nesse sentido, o reino do pensamento filosófico se atualiza a cada resplandecência, começando sempre de novo – pelo movimento ondular do que delineamos aqui como origem.

Mas, apesar de ser uma categoria plenamente histórica, a origem (*Ursprung*) não tem nada em comum com a gênese (*Entstehung*). “Origem” não designa o processo de devir de algo que nasceu, mas antes aquilo que emerge do processo de devir e desaparecer. A origem insere-se no fluxo do devir como um redemoinho que arrasta no seu movimento o material produzido no processo de gênese. O que é próprio da origem nunca se dá a ver no plano do fatural, cru e manifesto. O seu ritmo só se revela a um ponto de vista, que reconhece, por um lado como restauração e reconstituição, e por outro como algo incompleto e inacabado. Em todo o fenômeno originário tem lugar a determinação da figura através da qual uma ideia permanentemente se confronta com o mundo histórico [...]. A origem, portanto, não se destaca dos dados fatuais, mas tem a ver com a sua pré e pós-história (Benjamin, 2011, p. 36).

Essa perspectiva materialista, que faz com que a totalidade histórica se concentre no objeto, no acontecimento, em uma imagem – fugaz, intensiva e efêmera – talvez nos indique pistas para pensarmos uma forma de reintroduzir a experiência no tempo. Esta que, no desenvolvimento do capitalismo, nos foi sequestrada pelo progresso da técnica, como Benjamin (2012) aponta, a respeito do declínio da possibilidade de intercambiar as experiências no mundo moderno.

Como em ondas que avançam e retrocedem, o conceito de Origem mobiliza seus impulsos restaurativos e dispersivos:

Assim, a origem não designa somente a lei “estrutural” de constituição e totalização do objeto, independentemente de sua inserção cronológica. Enquanto origem, justamente, ela também testemunha a não realização da totalidade. Ela é ao mesmo tempo indício da totalidade e marca notória da sua falta; nesse sentido preciso ela

remete, sim, a uma temporalidade inicial e resplandecente, a da promessa e do possível que surgem na história (Gagnebin, 2013, p. 14).

Arrancar os fenômenos de uma pretensa linearidade e relegar à cronologia também o seu lugar na construção “historiográfica”, eis aqui um dos marcos da importância política que está em jogo ao operarmos este conceito, bem como fundar uma nova relação entre passado, presente e futuro – nos indícios do porvir. “A obra de salvação do *Ursprung* é, portanto, ao mesmo tempo e inseparavelmente, obra de destituição e de restituição, de dispersão e de reunião, de destruição e de construção” (Gagnebin, 2013, p. 17). Dinâmica que se assemelha ao ritmo da narrativa de Kafka, nas *Crianças na rua principal*;

Crianças em passo acelerado surgiam e sumiam no mesmo instante; carros de trigo com homens e mulheres sobre os feixes e em toda volta os canteiros de flores ensombrecidos; perto do anoitecer vi um senhor passear lentamente com uma bengala e algumas jovens que vinham de braços dados em direção contrária se desviaram para a grama do lado, cumprimentando (Kafka, 1999, p. 9).

Nessa narrativa, Kafka parece amplificar as brincadeiras ruidosas das crianças. As palavras correm como os pés das crianças pelas ruas. As paisagens subitamente mudam. Tal qual o ritmo das palavras das crianças que realizam suas infinitas narrativas dos acontecimentos de um instante, na escrita de Virginia Woolf (2014, p. 8), “subitamente uma abelha zumbe em meu ouvido – disse Neville – Está aqui; passou”.

Na captura da transição dos acontecimentos, o minuto ganha sua devida legitimidade, onde o que se passou – o passado – revela-se como oportunidade revolucionária no presente.

E já que, como nos aponta Deleuze (2009, pp. 36-37), “tudo passa pela linguagem e se passa na linguagem”, é por ela que essas revelações remanescentes podem ser operadas.

## Linguagem

Agamben (2005) nos fornece importantes pistas para pensarmos a relação entre infância e linguagem, uma vez que foi justamente sua reflexão sobre a infância que o levou a desdobrá-la em um estudo sobre a voz humana. Assim, o autor retira a infância do isolamento de um mero lugar cronológico para introduzi-la no lugar da relação entre experiência e linguagem.

Mas o que pode ser uma tal experiência? Como é possível ter experiência não de um objeto, mas da própria linguagem? E, quanto à linguagem, não desta ou daquela proposição significativa, mas do puro fato de que se fale, de que haja linguagem? (Agamben, 2005, p. 12). A aposta na infância é a de que tal experiência se constitua para além do indizível, daquilo que não se pode dizer quando as palavras nos faltam, mas pensar esses limites como “aquilo que a linguagem deve pressupor para poder significar” (Agamben, 2005, p. 11). Deste ponto, é possível realizar uma analogia com a forma como nos engajamos com as histórias tradicionais – transmitidas de geração em geração – pois é no mal-entendido, justamente em uma passagem onde o sentido é desestabilizado, que a história abre um canal para que ela aconteça em nós. De forma semelhante à concepção de experiência, que Agamben elucida em seu pensamento, nossa condição como humanos se faz, precisamente, a partir do ato de arriscar-se sem uma gramática, “neste vazio e nesta afonia” onde “algo como um *ethos* e uma comunidade se tornam [...] possíveis” (Agamben, 2005, p. 16).

No entanto, o autor nos lembra que a ciência moderna nasce, justamente, de uma desconfiança com relação à experiência como era tradicionalmente entendida, relegando-a ao estatuto de um labirinto que teria por função iludir nossos sentidos, e no qual deveríamos colocar ordem. Assim, nos esforços de traduzir a realidade no Ocidente, foram empreendidas incessantes práticas e discursos direcionados no sentido de transferir o mais enfaticamente possível a experiência para fora do homem, de modo que ela pudesse então, ser medida, mensurada e limitada pelas réguas de uma instrumentalização racional do saber (Agamben, 2005).

No célebre texto “O Narrador”, Walter Benjamin (2012) realiza um importante diagnóstico da modernidade ao revelar que nos encontramos cada vez mais impossibilitados de transmitir uma experiência, de narrá-la. Em seus escritos, ele aponta a distância na qual nos encontramos em relação à figura do contador de histórias, não para mergulhar em um saudosismo limitante, mas justamente para, a partir dos rastros deixados pela extinção da transmissão de histórias orais no passado, tomando essa distância – valorizada em seu pensamento – lançar-nos aos indícios do que pode advir no futuro.

As elucidações de Benjamin, desdobradas nos efeitos da Primeira Guerra Mundial e na ascensão dos regimes totalitários na Europa, sobre o declínio da arte de intercambiar experiências parecem ser uma espécie de fonte para a emergência das questões sobre o testemunho, desdobradas anteriormente. De onde viriam as palavras que seriam capazes de

narrar aquela experiência onde o frágil corpo humano via-se diante de uma paisagem que nada conhecia – onde as fronteiras eram espessas, impenetráveis, e a promessa do novo não cessava de avançar?

Além disso, foi a invenção da imprensa que intensificou o processo de apagamento da transmissibilidade. “A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações” (Benjamin, 2012, p. 219). Com esse modo informativo de contar, o encanto é posto de fora da palavra para dar lugar à exatidão dos fatos, de acordo com os interesses políticos e econômicos que estão em jogo naqueles que emitem as notícias em circulação. A modernidade, portanto, é marcada pela desvinculação da experiência aos homens, pois estes encontram-se impossibilitados de intercambiá-las e, com isso, restituir significado a elas.

Em suas elucidações, Benjamin segue nos convocando a tomar uma distância, estrategicamente necessária, para que possamos ver as coisas sendo construídas, e também os seus construtores, ao invés de tomarmos uma proximidade vertiginosa das práticas nas quais estamos inseridos. Somos convocados a tomar uma distância que nos permita ver, também, aquilo que se desmonta com o tempo: Os escombros da história. Neste ponto, podemos retomar Agamben para pensarmos qual seria a importância política de articularmos a experimentação dos limites da linguagem, utilizando a infância como um caminho para que essa experiência se efetue. De acordo com Agamben (2005, p. 14), é a partir de uma certa filosofia da linguagem que “algo como um saber e uma história poderiam produzir-se”, uma vez que o homem não nasce instantaneamente unido à sua natureza linguística. Assim, essa descontinuidade e essa diferença são capazes de instaurar o conhecimento, a infância e também a história. Seguindo esse fio, a linguagem é o que articula o saber. Na palavras do autor:

O homem não sabe simplesmente, nem simplesmente fala, não é homo sapiens ou homo loquens, mas homo sapiens loquendi, homem que sabe e pode falar (e, portanto, também não falar), e este entrelaçamento constitui o modo com o qual o Ocidente compreendeu a si mesmo e que pôs como fundamento do seu saber e de suas técnicas. A violência sem precedentes do poder humano tem sua raiz última nesta estrutura da linguagem (Agamben, 2005, p. 14).

A força e a fragilidade que constituem, dialeticamente, a linguagem deixam-na intimamente ligada à gramática do verbo “poder” (Agamben, 2005, p. 15). O sequestro de nossas experiências, indicado por Benjamin, converte-se também no sequestro de qualquer

relação singular que possamos estabelecer com as palavras, em um certo emudecimento arbitrário da experiência

Foi através de uma certa virada linguística, por dentro da teoria benjaminiana da linguagem, que as reflexões sobre o declínio da experiência na modernidade encontraram possibilidade de despontar. O próprio conceito de experiência, de Walter Benjamin, é revestido do desejo do filósofo de encontrar “uma linguagem mais investida de forma plena na vida humana, de um *logos* que possa habitar entre nós” (Azzi, 2015, p. 79).

Ao comentar sobre os ensaios de Benjamin acerca da linguagem, Gagnebin enfatiza a possibilidade de alcançá-la desde uma perspectiva não instrumental:

[...] na leitura benjaminiana de *Gênesis* 2:20, a língua adâmica responde ao verbo criador de Deus quando ela dá um nome aos animais; ao reconhecer o objeto como criado, ela o conhece em sua essência imediata. Por isso os nomes adâmicos só dizem de si, isto é, já do objeto na sua plenitude. A “queda” é a perda dolorosa dessa imediaticidade, perda que se manifesta, no plano linguístico, por uma espécie de “sobredesignação”, uma mediação infinita do conhecimento que nunca chega ao seu fim. Desde então a linguagem humana se perde nos meandros de uma significação infinita. (Gagnebin, 2013, pp. 17-18).

Deste ponto, podemos deixar a argumentação escoar até a toca através da qual Alice salta para dentro do *País das Maravilhas*, onde é a queda que parece tornar-se infinita, espargindo para fora da narrativa qualquer correspondência inerte entre nome e objeto;

Ou o poço era muito fundo, ou ela estava caindo muito devagar, pois teve bastante tempo para olhar ao redor enquanto caía e para se perguntar o que iria acontecer a seguir. Primeiro, tentou olhar para baixo e descobrir onde ia chegar, mas estava escuro demais para ver alguma coisa. Depois olhou para as paredes do poço e notou que estavam cobertas de guarda louças e prateleiras de livros. Aqui e ali viu mapas e desenhos pendurados em pregos. Pegou um pote de uma das prateleiras ao passar. Trazia uma etiqueta com as palavras “GELEIA DE LARANJA”, mas, para sua grande decepção, estava vazio. (Carroll, 2014, p. 15)

Pela queda, ou pelo salto, língua e história se coadunam na medida em que seus conteúdos já não podem mais ser apresentados de maneira linear e sequencial, bem como a noção de origem não se encontra assentada em um marco histórico preexistente – em termos cronológicos –, mas só pode ser tomada enquanto “surgimento histórico”. Assim, avança Gagnebin (2013, p. 19): “Essa estrutura paradoxal é a do instante decisivo, do *Kairos*. [...] é na densidade do histórico que surge o originário”. Colocando-nos diante de sucessivos começos, capazes de revolucionar o curso hegemônico dos fatos.

A partir dessa perspectiva da linguagem em Benjamin, mas também nas aventuras de Alice, podemos nos conectar com proposições que nos colocam diante da possibilidade de abrir a linguagem enquanto experiência, desmontando seus mecanismos de poder; tal qual as

crianças desmontam e destroem os brinquedos que recebem nas mãos, ao mesmo tempo em que se lançam a um gesto primeiro de conhecer como são montados (Didi-Huberman, 2015). No movimento da origem, o tempo desdobra-se em uma duplicidade heterogênea, “voltada para a *desmontagem* da história tanto quanto para a *montagem* de um conhecimento do tempo mais sutil e mais complexo” (Didi-Huberman, 2015, p. 142).

*As Ondas* apresentam uma coleção de imagens que revolvem essa temporalidade heterogênea, na medida em que, seguindo o pensamento de Didi-Huberman, operam uma “montagem de singularidades” – capazes de desassossegar as palavras, a linguagem e a história. Essa montagem, que aqui tomamos como montagem para o pensamento, implica a desmontagem de um olhar hegemônico sobre as coisas e o mundo. Na tentativa de pensar um conhecimento que acompanha o caminhar das crianças somos impelidos a olhar mais de perto. É preciso estar mais perto do chão, arriscar-se por detrás dos arbustos, saltar de um galho, atrasar-se; em suma, “afagar a superfície do mundo” (Woolf, 2014, p. 9) – e ampliá-la. “Esse é o nosso mundo, iluminado por meias-luas e estrelas luzentes; e grandes pétalas semitransparentes fecham as aberturas como janelas roxas. Tudo é estranho. As coisas são imensas e diminutas”. Seguindo essa pista, Didi-Huberman (2015, p. 55) aponta que “*a ampliação contribui para a desmontagem visual das coisas, para a desconstrução visual do visível tal como o percebemos visualmente*”.

Flagrar, portanto, e ampliar essas experiências na língua – na linguagem como experiência – e não escamoteá-las a fim de construir discursos pretensamente neutros, desonestos e autoritários está no centro da questão que estamos desdobrando, enquanto apontamento ético e político. A possibilidade do novo reside nesta capacidade de “provocar rupturas nessa narrativa por demais convincente, designar seus furos, seus brancos, retomar o tropeço e o ato falho para o sujeito se arriscar, no seu presente, a andar, a agir diferentemente” (Gagnebin, 2013, p. 107).

E se é na infância que experimentamos, profundamente, um mundo onde as palavras ainda não estão fixadas em formas unívocas, é pelo enredo de uma convergência entre literatura e infância que seguimos. Como se despertássemos, ainda mais uma vez, diante do acontecimento de começar a falar, uma aventura informe de incertezas que comumente é atrelada à palavra *inocência*. Essa palavra também nos é interessante se a tomarmos pela via de uma outra relação que podemos estabelecer com o saber e a verdade; ou ocupar o mundo, e os meandros do pensamento, com fidelidade um pouco mais crítica às prescrições de uma

determinada racionalidade científica que seduz por sua demasiada iluminação, não para recusá-la, mas para subvertê-la a partir do jogo que ela pode estabelecer com o conhecimento pela penumbra.

A *queda* da língua está assentada, dessa forma, na garantia de que a razão não pode encontrar a origem dos nomes na história, pois ela nos escapa, na medida em que já chega aos humanos “*descendendo*”:

[...] a afirmação de uma origem divina da linguagem solapa a soberania do sujeito linguístico, pois a língua não é seu produto. O homem é assim, essencialmente, um ser de linguagem, mas a linguagem, que o define, lhe escapa de maneira igualmente essencial. Este movimento de disponibilidade e de evasão explica também porque a linguagem humana não pode ser reduzida à sua função instrumental de transmissão de mensagens: os homens já nascem num mundo de palavras das quais não são os senhores definitivos; só quando desistem desta ilusão de senhoria e de dominação para responder a esta doação originária, só então eles, verdadeiramente, falam. (Gagnebin, 2013, p. 22).

Essa percepção dirige-se para as línguas no sentido de oferecer a elas o caráter múltiplo e fragmentário inerente ao marco da alteridade que as funda. Desdobrar radicalmente essa alteridade – de acordo com Gagnebin – coloca em evidência certa persistência em construir métodos desviantes, perspectivas de salvação para a crise da tradição instaurada na modernidade, cujo alicerce é a sociedade burguesa, individualista e mantenedora de uma linguagem pretensamente autossuficiente. A potência desse pensamento realiza-se ao desmembrar as regras de uma máquina linguística que se pretende passar por imperiosa; “uma máquina magnífica e sem arrancos, um sistema cada vez mais correto de apreensão e enclausuramento daquilo que, no entanto, continua a escapar de sua captura” (Gagnebin, 2013, p. 108). Máquina de linguagem que deixa tantos do lado de “fora da curva do tempo”, e que “já não pode mais acolher, como no côncavo das ondas ou das mãos, este sopro que ela não é, mas que a preenche” (Gagnebin, 2013, p. 111);

- Agora você se afasta de mim, construindo frases – disse Susan – Agora, você sobe como um balão, cada vez mais alto, através das camadas de folhas, fora do meu alcance. Agora, você se retarda. Agora, puxa minha saia, olhando pra trás, formando frases. Escapou de mim. Aqui está o jardim. Aqui está a sebe. Aqui está Rhoda, na trilha, balouçando pétalas em sua bacia cor de cobre. (Woolf, 2004, p. 13).

Aqui, o vínculo entre literatura e infância, esta experiência incerta de apreensão das palavras e de construção de frases, conecta-se com as argumentações que Gagnebin sustenta a respeito da linguagem. Como o encadeamento de palavras, em frases, teria o poder de distanciar os corpos? Como elas são capazes de fazer com que outros escapem? Formulações passíveis de ganhar infinitas discussões, ainda menos nítidas do que o poder que a narrativa

possui de assentar um certo presente na experiência, *Aqui*. Os sucessivos “agoras” parecem ser a única possibilidade de continuidade para a narrativa da personagem, mesmo que lancem o enunciado a um certo ritmo descontínuo, marcado pela *cesura*.

Ao interromper o desenrolar da frase, a cesura marca o lugar conjunto da cessação e do surgimento da linguagem: lugar angustiante onde o fôlego está suspenso como se, abandonado pelas palavras, se apagasse na noite do impensado; lugar feliz onde o fôlego renasce como ao retomar-se a respiração para aventurar-se num novo caminho, em direção a novas palavras, à prova de um novo verso (Gagnebin, 2013, p. 103).

Em *As Ondas*, a personagem Susan descreve essa experiência do fôlego na língua – o sopro que enche o balão para longe, depois volta a se aproximar, para se afastar novamente. “Estou amarrada por palavras isoladas. Mas você se afasta; você se esvai; você se ergue mais alto, com palavras encadeadas em frases” (Woolf, 2014, p.12). No entanto, é Susan que parece retomar o fôlego ao voltar, intensamente, a narrativa para a plenitude do agora.

No pensamento de Benjamin, a imagem da cesura e da interrupção tornam-se categorias valiosas, capazes de inscrever um fundamento para a linguagem que acolha o movimento dispersivo e restaurativo das línguas; “ali onde as palavras se esvaem com risco de não mais voltar, ali também podem como que retomar fôlego e ressurgir” (Gagnebin, 2013, p. 103). O movimento da respiração e das ondas se equivalem, são constituídas mutuamente na experiência da linguagem: “*A onda parava, partia novamente, suspirando como um ser adormecido cuja respiração vai e vem inconscientemente*” (Woolf, 2004, p. 5).

A cesura – que poderíamos tomar como certo espaço involuntário, porque independe de qualquer decisão subjetiva - que se abre para as energias insurgentes da origem, desloca o fundamento da linguagem,

[...] Escande muito mais profundamente o movimento mesmo do *logos*; ela é a expressão daquilo que, paradoxalmente, funda nossa linguagem e a entrega ao aniquilamento – pois sua verdade não reside no infinito escoamento de nossas palavras, mas neste sopro “sem expressão” que as forma e as traz ou as dispersa e as perde (Gagnebin, 2013, p. 103).

Deleuze (2009) também nos oferece um suporte para avançarmos por este terreno movediço e paradoxal onde está assentada a linguagem, ao pensar acerca de uma *Lógica do sentido*, e o faz, principalmente, ao elucidar que o sentido não reside somente em um dos polos da dualidade “que opõe as coisas e as proposições”, mas se expressa, ao mesmo tempo, como “a fronteira, o corte ou a articulação da diferença entre os dois” (Deleuze, 2009, p. 31). Assim, o autor caracteriza a queda da linguagem – sua regressão infinita – ao explicitar:

“nunca digo o sentido daquilo que digo” (Deleuze, 2009, p. 31). Isto nos coloca diante da possibilidade de, infinitamente, criar novas proposições que levem adiante o sentido daquilo que se diz, sem, contudo, dizê-lo imediatamente. Essa regressão, portanto, também guarda em si a capacidade de dissolver a soberania de um sujeito da linguagem; uma vez que a infinitude, “de falar sobre as palavras” e proliferar os sentidos da proposição é relegada à multiplicidade da linguagem. É na abertura para o acontecimento, no entanto, que de certa forma o curso do tempo é subvertido e pode alcançar outras perspectivas éticas;

Pois o acontecimento, por conta própria, deve ter uma só e mesma modalidade, no futuro e no passado segundo os quais ele divide ao infinito sua presença. E se o acontecimento é possível no futuro e real no passado, é preciso que seja os dois ao mesmo tempo, pois ele então se divide aí ao mesmo tempo (Deleuze, 2009, p. 36).

O gesto desse tempo intensivo aparece nas crianças da narrativa de Virginia Woolf. Gestos que, como dizíamos, ampliam o acontecimento ao afagar a superfície do mundo. “As coisas são imensas e diminutas” (Woolf, 2014, p. 17) – simultaneamente. Em certa altura, Bernard diz “nossas palavras nos fundem um no outro” (Woolf, 2014, p. 11), e é a neblina que compõe a atmosfera dessa fusão, formando “um território inapreensível”.

Território no qual palavras fundem e afastam corpos, palavras que as crianças podem vestir, palavras cujas caudas se sacodem, palavras que se apanham como pedras, e podem mover-se pelo ar – nada se fixa por tanto tempo para que sejam encapsuladas apenas em um só sentido, marcando um profundo respeito à materialidade do mundo.

### **O tempo, ensaio para a conclusão.**

Eu estava fazendo barcos de madeira com Neville. E meu cabelo está despenteado porque, quando a sra. Constable me disse que devia escová-lo, havia uma mosca na teia e perguntei: “Devo libertar a mosca? Devo deixar que a devorem?” É por causa dessas coisas que estou sempre atrasado. Meu cabelo está despenteado, cheio de gravetos (Woolf, 2014, p. 15).

O tempo intensivo que acolhe as crianças é o tempo que pode ser convertido em espaço, em imagem e em verbo. “Cada tempo de verbo tem um sentido diverso – disse Neville. – Existe ordem nesse mundo; há distinções, há diferenças neste mundo, em cuja margem caminho. Pois isto é apenas um começo” (Woolf, 2014, p. 15). No entanto, quando *tempo* vira palavra na boca dos personagens, ela parece assinalar, quase sempre, aquilo que escapa à experiência, ou aquilo do qual elas querem escapar, tal qual Louis o faz, ao recusar ir à frente da sala de aula e declamar a lição; “Não desejo aparecer na frente e viver sob o olho

desse grande relógio de cara amarela, com seus tiques e seus taques” (Woolf, 2014, p. 15). As rotas de fuga efetuam-se, portanto, pelas insurgências da origem, pelos recomeços, pelo movimento da respiração do mar, ainda que a fuga nunca esteja inteiramente concluída ou garantida, já que o tempo histórico e escolar segue impelindo-os para frente.

Na frágil e fugaz conexão que podemos estabelecer com essas crianças que brincam e formam frases, talvez possamos ver o acontecimento de uma convergência dos tempos – passado, presente e futuro – mobilizando a dispersão e impelindo-nos a seguir outras rotas no quintal ou nos espaços institucionais, ainda que a visibilidade desse acontecimento esteja garantida por luminosidades delicadas e provisórias, afinal, “Isto é aqui – disse Jinny –, isto é agora. Logo, porém, teremos de ir” (Woolf, 2014, p. 17).

O tempo originário do ritmo das ondas funda, justamente, essa dialética entre presença e ausência. Esse é o ritmo através do qual a escrita emerge como jogo que revela a relação entre infância e literatura.

## Referências

- AGAMBEN, G. *Infância e História: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- AZZI, R. D. *No princípio era o logos: Linguagem, verdade e experiência em Walter Benjamin*. 128 f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2015.
- BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BUTLER, J. *Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- CARROLL, L. C. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Trad: Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 2014.

- 
- DELEUZE, Gilles. *A lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Diante do tempo História da Arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- GAGNEBIN, J. M.. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- KAFKA, F. Crianças na estrada principal. In: *Contemplação/Foguista*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PINHEIRO, M. F. A. *Imanência e história: a crítica do conhecimento em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- WOOLF, V. *As Ondas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.